

A Música e suas Manifestações populares em São João Del Rei (1870-1920)

Marcelo Crisafuli Nascimento Almeida*

Resumo: A presente comunicação pretende problematizar as disputas em torno da cultura em São João del Rei entre 1870 e 1920. Pretendemos demonstrar como gêneros musicais populares, marginalizados pela imprensa daquela sociedade em questão, passam a encontrar respaldo, no caso, nos palcos do teatro sanjoanense, freqüentado então pela 'boa e seleta sociedade' daquela época. Desta forma, situamos um pretenso processo de 'circularidade' de músicos, maestros sanjoanenses e da sociedade de uma forma geral, entre os mundos da música erudita e popular. Sendo assim, pretendemos discutir um termo de difícil problematização e conceitualização no meio historiográfico como a cultura e seus desdobramentos erudito/popular, principalmente no que tange a música na sociedade sanjoanense em fins do século XIX e início do século XX.

Palavras chaves: Música, Cultura e Sociedade

Abstract: This communication want to discuss the disputes surrounding culture in São João Del Rei between 1870 and 1920. We want to show how popular music, marginalized by the media, will find support in the stage of the theater sanjoanense, attended by the 'good and select society. So, we situate an alleged case of "circularity" from the musicians, maestros and society in general, between erudite and popular music. Therefore, we discuss a term of difficult conceptualize in the historigrafcial middle like the culture and its developments scholarly / popular, especially with regard am sanjoanense's music in society at the end of the century XIX and in the beginning of the century XX.

Key words: Music. Culture and society.

São João Del Rei, cidade do interior de Minas Gérias, possui uma inegável tradição artística, especialmente em relação à música, tendo-se o conhecimento de sua presença neste local desde o século XVIII (REZENDE, 1989: 696). As menções feitas a esse tipo de arte, principalmente na literatura existente, como a obra do musicólogo José Maria Neves (NEVES, 1984), tem como fontes fundamentais a imprensa local, para o século XIX, e documentos oficiais como cartas pastorais, para o século XVIII. No entanto, trabalhos como estes fazem alusão somente à música sacra e erudita. A cidade, durante todo o século XIX, possuiu duas corporações musicais, Ribeiro Bastos e Lira Sanjoanense, que estão em atividade desde o século XVIII, e que se apresentavam nos mais variados eventos, desde as missas, firmadas em contratos com as irmandades locais, nas óperas, aberturas de peças teatrais e em bailes promovidos pela alta sociedade daquele tempo.

* Mestrando pela Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ. Agência financiadora: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

A música sacra e erudita permanece presente no cotidiano de São João Del Rei. Na cidade encontram-se três orquestras, além das duas mencionadas acima, existe também a Sociedade de Concertos Sinfônicos. Além disso, há o Conservatório Estadual de Música “Padre José Maria Xavier” e o curso de graduação em música da Universidade Federal de São João Del Rei que forma músicos não só para o mercado de trabalho local, atuando nas principais orquestras e em vários outros grupos musicais, como também “exporta” essa “mão-de-obra” para fora da cidade.

Pensando-se o exercício profissional da música, é comum constatar uma certa circularidade cultural ou trânsito, onde o músico está o tempo todo atuando em universos culturais e sociais diversos. O executante pode alternar ao longo da semana a orquestra, a gafieira, e até a roda de samba, circulando em ambientes sociais distintos, e o compositor ou maestro, por sua vez, pode atuar na música erudita e na música popular, cuja produção e arranjos em ambos os meios refletirá sem dúvida o domínio dessas diferentes linguagens. É fato que a atividade musical coloca o músico constantemente na fronteira de grupos sociais diferentes, dando-lhes a possibilidade de experimentar manifestações musicais bem diferentes. A própria música resulta muitas vezes do diálogo entre as culturas ao longo do tempo e isto pode ser denunciado a todo o momento pelos gêneros, pelas danças e até por melodias que passaram do domínio de um grupo social para outro, quase sempre se modificando substancialmente num processo de adaptação aos novos ambientes.

Ao falar em diálogos, trânsitos, e, porque não, nos embates culturais, podemos citar a historiadora Martha Abreu (ABREU, 1999) que fez um estudo de manifestações presentes na festa do Divino Espírito Santo, um dos folguedos mais populares no Rio de Janeiro durante o século XIX. A autora constata o trânsito tanto de autoridades da época, como de pessoas humildes nessas ocasiões, freqüentando barracas que geralmente apresentavam teatro, danças e músicas, como valsas e polcas, fornecendo indícios que podem comprovar a presença das elites nesse local. Também podiam ser vistas manifestações musicais negras, danças que tinham sua origem no lundu, no batuque e na chula, além de grupos musicais que, segundo a autora, seriam as primeiras orquestras de choro.

Há de se fazer aqui uma ressalva sobre o papel do negro na música brasileira e sua contribuição para com a mesma. A atividade musical profissional no Brasil, até meados do século XIX, era vista como uma forma de trabalho artesanal, manual, conseqüentemente “coisa de escravos” (NAPOLITANO, 2002:42) De acordo com José Maria Neves (NEVES, 1984:18), um escravo músico, na colônia, valia mais que os outros e houve casos de grandes proprietários que chegavam até a formar orquestras particulares com os escravos músicos. Por

consequente, era uma atividade de trabalho realizada a partir de regras de ofício e correta manipulação do material bruto, o som; mais ainda, não era visto como uma atividade “espiritual” ligada ao talento natural. Não só no Brasil, mas na Europa, durante os séculos XVIII e XIX, os músicos eram pessoas oriundas das classes baixas e serviçais. Segundo Napolitano, “com o impacto do romantismo entre nós, a partir de 1840/50, essa visão começou a mudar, e, com efeito, algumas décadas depois, já tínhamos o nosso primeiro ‘gênio’ musical reconhecido como tal: Carlos Gomes” (NAPOLITANO, 2002:42). Assim sendo, o grosso da atividade musical, sobretudo no plano da interpretação instrumental, era realizado por negros e mestiços, muitos deles ainda escravos, sobretudo em Minas Gerais.

Em São João Del Rei, as duas orquestras mencionadas acima são conhecidas como “coalhadas” e “rapaduras”, fazendo aí uma menção a cor dos músicos que atuavam nessas corporações musicais. “Coalhadas” era o apelido recebido pela orquestra Ribeiro Bastos, onde talvez a alcunha refira-se ao predomínio de brancos no seu corpo orquestral, porém “pessoas de cor” havia nas duas corporações; e, por outro lado, “rapaduras” (NEVES, 1984:10) é o apelido herdado pela Lira Sanjoanense, devido o predomínio de mulatos dentro desta orquestra. A presença de músicos negros e mestiços nas igrejas, nos carnavais, circos, teatros, e cafés era inevitável e inquestionável: a música se tornava um meio de evidência e de proeminência para as “pessoas de cor”.

Contudo, nosso intuito aqui é problematizar a música e suas “manifestações populares” em São João Del Rei na virada do século XIX para o XX, levando em conta o sentido de popular para a época. Os termos “popular” e “populares” não são conceitos *a priori*, devendo estar ligados a um referencial empírico, a uma busca de atribuições de significados e a momentos históricos (ABREU, 2003). Consideramos por música popular na virada do século XIX para o XX, aqueles gêneros musicais nacionais, como o maxixe, o cateretê, o lundu, o tango brasileiro, entre outros, que existiam conjuntamente com a produção de uma música erudita, ou oficial, e que eram emanadas do chamado povo – identificado como a gente das camadas mais baixas da população. No entanto, dissemos anteriormente que as camadas mais baixas da população também estavam presentes na produção da música erudita, não só em São João Del rei, como no restante do país. As orquestras sanjoanenses, neste caso acolhiam pessoas de classes desfavorecidas que se interessassem no aprendizado da música e, mais tarde, poderiam fazer parte das mesmas. O maestro Ribeiro Bastos, sujeito de expressão da cidade, que foi Juiz de Paz e vereador, aceitava meninos pobres em sua própria casa, ministrando-lhes principalmente a educação musical (ALMEIDA, 2006:35).

Desta forma, pensamos a cultura popular, de acordo com Martha Abreu (ABREU, 1999:28), não como um conjunto de objetos e práticas criados originalmente pelos “populares”, mas sim uma série de manifestações, hábitos e valores, como a dança e a música, por exemplo, compartilhados, apropriados e re-apropriados, criados e recriados por esses sujeitos. Portanto, é através do estudo da música e dos sujeitos envolvidos com a mesma, principalmente no fazer musical, contextualizando o ambiente em que ela está inserida, que conseguimos enxergar as experiências históricas, o modo de viver e agir diante das lutas das pessoas em seu tempo.

Na monografia de bacharelado, “*A música e suas manifestações populares em São João Del Rei no último quartel do século XIX*” (ALMEIDA, 2006), procurei demonstrar a presença dos gostos e expressões da arte musical consumida e produzida pelos sujeitos pobres e comuns, ou seja, figuras que não estão envolvidas com as estruturas de poder econômico e político da cidade. Para tal, voltamos à imprensa local do final do século XIX. Fazendo um exame detalhado desses periódicos, constatamos a presença de gêneros musicais populares até então não citados por uma vasta literatura sobre a música em São João Del Rei.

Traçando um quadro geral da sociedade sanjoanense no final do século XIX, a grosso modo, percebemos uma cidade altamente tradicional, que procura manter seus costumes, neste caso artísticos, religiosos e porque não morais, preservando instituições centenárias em funcionamento até os nossos dias, como irmandades e orquestras, estreitamente ligadas à religião católica.

Os jornais da época sempre noticiavam a música erudita e sacra, não sobrando espaço para as expressões musicais produzidas e consumidas pelo restante da população das baixas camadas sociais. Alguns gêneros populares foram revelados em momentos específicos, isto é, quando incomodavam aqueles grupos sociais mais privilegiados, no caso, detentores dos meios de comunicação em questão – os jornais –, ou quando lhes era algo totalmente estranho à sua realidade, revelando seus juízos de valor, e, mais ainda, denunciando o relaxamento dos costumes. Assim, foram “mapeadas” algumas festas e divertimentos em que certos gêneros e expressões musicais se faziam presentes na cidade: Folia de Reis, Festa do Divino Espírito Santo e alguns “batuques” dispersos pela periferia de São João Del Rei.

Dentre algumas das crônicas e notícias encontradas nos periódicos de sanjoanenses, começamos por uma que pode ser muito sugestiva no sentido de nos revelar a cultura popular local. É a crônica intitulada “*Consoadas de Natal*”:

... À noite, nas casas de gente remediada ou de haveres, reúne-se seleta sociedade, toca-se piano, canta-se uma modinha brasileira, um romance francês, um trecho do Trovador da Traviata, formam-se pares e dança-se...

... As classes menos favorecidas da fortuna ou mesmo os mais pobres também se reúnem e se divertem.

Quem às dez horas da noite passar pelo Tijuco há de ver iluminada a velha chácara de São Caetano, antiga habitação de um célebre Guarda-Mor, donde partem festivas sons da faceira viola, em harmonia com os de afinada rabeca, de machetes e pandeiros, misturando-se as vozes dos cantores ao ruído de forte sapateado de mestres batuqueiros e adestradas marchadeiras.

Como este, há muitos outros cateretês¹, no Barro, no morro da forca, no Pau d'Angá e no morro das Mercês...(O Arauto de Minas, 24 de dezembro de 1880, p. 2)

Percebemos que certos tipos de dança, música e de manifestações como os cateretês, os batuques e as Folias de Reis ficam marginalizados pelos cantos da cidade, isto é, em locais periféricos como o Morro da Forca, atual Bonfim, o Morro das Mercês, chácaras no acima citado Tijuco, nas festas do Arraial do Matosinhos. Os sujeitos praticantes destes gêneros populares de dança e música, em sua maioria são os próprios moradores, oriundos de camadas baixas e médias da população e, até mesmo algum outro “visitante” de áreas centrais têm a chance do acesso a tais “divertimentos” como veremos adiante.

Um folguedo que deve ser mencionado, é a concorrida Festa do Divino Espírito Santo no Arraial do Matosinhos. A elite local era, sem dúvidas, assídua frequentadora das comemorações do Divino como atesta o seguinte trecho retirado de um jornal de época:

... É noite.

O pitoresco largo iluminado caprichosa e fantasticamente se enche da multidão, que, ao som de escolhidas peças musicais executas no coreto assiste ao fogo de artifício queimado em honra do Divino Espírito Santo.

Terminado o fogo, lá se promove uma partida familiar, em que as mimosas cinturinhas das belas em radidos volteios de uma valsa ou polca, deixam ver quanto são elegantes os corpinhos, que sobre elas assentam.

Além, naquela casinha se reúne uma súa folgasan, que ao som de viola, requebrada e cadente sapateado, mostra que nunca são esquecidas as danças nacionais nos folgedos do povo. E assim passa-se o restante da noite até que o sol nascente, espancado as trevas, chama a todos à realidade da vida, e cada qual a seus afazeres...(O Arauto de Minas, 19 de maio de 1877, p. 3).

Ao citarmos esta passagem, embalada ao som de uma viola e de cadente e requebrado sapateado (cateretê) devemos fazer uma breve consideração a respeito do conceito de música popular urbana e rural. Para José Ramos Tinhorão existiria não apenas uma música popular, mas duas músicas populares: “uma baseada em práticas coletivas particulares do mundo rural, outra ligada ao gozo pessoal próprio do individualismo inaugurado nos grandes centros urbanos” (TINHORÃO, 2006:171). Com efeito, a classificação música popular rural engloba uma variedade enorme de gêneros de músicas particulares de uma vasta região geográfica em

¹ Dança de origem indígena, mas que recebeu influências negras, marcada por irreverentes movimentos e ritmos negros, ao som da viola; ver, (ABREU, 1999:92).

que se predomina o som de um determinado instrumento: a viola de cinco cordas duplas mais conhecida por viola caipira. Segundo Tinhorão:

Desde o aparecimento dos primeiros discos de música sertaneja (inicialmente chamada de música caipira), a tendência foi para o estabelecimento de uma confusão entre as músicas de caráter local de determinadas regiões (toadas de cururu, de cateretê ou de samba rural) e certos gêneros que eram aceitos em áreas mais amplas, com pequenas variantes de estilo, como seriam o caso das modas de viola e das toadas (às vezes divididas em ‘toada mineira’ e ‘toada paulista’, por exemplo) (TINHORÃO, 2006:168).

Para Tinhorão isso vinha indicar, que na realidade, haveria uma aproximação entre o campo e a cidade que seria feita desde o fim do século XIX através de quatro meios de comunicação: o teatro musicado e o circo, e mais à frente, o disco e o rádio. O teatro – iremos discutir mais a seu respeito adiante – através do comediógrafo Arthur Azevedo, inaugurou a moda do caipirismo no teatro musicado, de uma forma que o público das grandes cidades passou a tomar conhecimento da vida rural através de uma figura elementar em certas peças do teatro de revista: a do caipira “engraçado” ou “sem jeito”, que se sentia atrapalhado na cidade, tocava viola e falava coisas do “sertão”.

Haveria para Tinhorão aqueles gêneros populares urbanos como o maxixe, o choro ou o tango brasileiro, reflexo de sociedades urbanas como o Rio de Janeiro, e aqueles rurais, que eram acompanhados pela viola e cadente sapateado como podemos encontrar nas periferias de São João Del Rei. Sendo assim, nos vemos diante de um impasse, levando-nos a questionar esse modelo dualista de classificação da música popular em urbana e rural. São João Del Rei era um importante centro comercial do interior de Minas, industrializada, em vias de desenvolvimento, situada entre rotas comerciais que iam do Rio a São Paulo. Ora, assim percebemos em São João, tanto a presença do que Tinhorão chama de música popular urbana (maxixes, etc) e rural (cateretês). Desta forma, preferimos pensar em regionalismos ao invés do simples dualismo rural/urbano.

Outra manifestação popular de divertimento encontrada em São João Del Rei são os controvertidos batuques:

Batuque

Na noite do dia 24 para o dia 25 do corrente, várias Magdalenas deram estrondoso cateretê na chácara que pertenceu ao Capitão Fidelis.

Naquela noite os pacíficos moradores do Pau d'Angá não puderam dormir deliciados pelo cantar das sereias e pelo estrondo do sapateado.

Foi figura saliente neste furrundú o delegado de polícia Vicente de Paula Teixeira que puxou a fieira e deu umbigadas até as 3 horas da madrugada(...)

É um folião destes que quer falar em moralidade e impor-se a consideração de uma cidade, cujos habitantes primam pelos bons costumes.

E é um batuqueiro tão frenético que pretende ser Presidente da Câmara Municipal.

Vicente Teixeira esqueceu-se... de lembrar que o homem de caráter, de autoridade é obrigado a zelar dignidade do cargo e não ridicularizá-lo nos requebros de uma dança imoral (...) (O Arauto de Minas, 27 de abril de 1880, p. 2)

O redator do jornal “O Arauto de Minas” nos apresentava com a notícia de um “estrondoso cateretê” oferecido por algumas *Magdalenas* em um local periférico da cidade. Aqui nos é dado o nome de um afoito “folião”, uma autoridade municipal, o delegado Vicente Teixeira, que freqüentava os “contornos” da cidade numa festa oferecida talvez por prostitutas, pois a alcunha aqui usada, *Magdalenas*, pode remeter a figura bíblica de Madalena, a prostituta arrependida. Temos aqui, uma série de elementos de uma cultura popular, como suas danças e músicas e uma autoridade pública que devia respeito e dignidade ao seu cargo e não se dar aos caprichos de uma “dança imoral”, transitando por espaços culturais e sociais distintos daquele que seria seu “ambiente natural”. Outro ponto importante a ser levantado é a incompreensão do redator diante de uma diversidade cultural – batuque, umbigada e cateretê – que classifica os sons produzidos, provavelmente por negros, mestiços e, por que não, brancos, como “Batuques”. Umbigadas, requebros, batuques, ritmo ao som de violas, sapateados, enfim, um “inferno” até mesmo para “aqueles estudiosos da música”. Assim, Martha Abreu (ABREU, 1999:81) cita Câmara Cascudo refletindo também sobre a dificuldade presente até mesmo entre os pesquisadores em se precisar todos esses ritmos, gêneros e movimentos, além de suas variantes regionais.

O batuque parece ter fascinado muita “gente de bem” nas Minas Gerais do século XIX favorecendo um certo relaxamento dos costumes. Regina Horta Duarte diz que apesar das proibições, um memorialista de Campanha narra curiosos eventos envolvendo “gente de bem” constatando que singular dança não era praticada somente pela “gente baixa e ordinária”. Tal testemunha afirma que “padres relaxados” não recuavam dos batuques “nem mesmo diante do maior escândalo”. O mesmo observador assevera que conhecera um religioso não apenas devoto dessa dança, como “nela se portava com uma tal indecência e um descomedimento” que o próprio autor vexe-se a descrever. O batuque acabava sendo um chamariz “para muita gente boa” como um delegado que, recebendo uma denuncia da existência de um batuque, chegou ao local com a intenção de prender todos os participantes. Porém, ao invés disso, acabou metendo-se na dança “como o mais furioso dos dançadores”, ali passando “todo o resto da noite” (DUARTE, 1995:94).

Dentro de uma perspectiva de controle e civilização da população mineira no século XIX, citamos o trabalho de Patrícia Vargas Lopes de Araújo: “*Folganças Populares: Festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX.*”. O entrudo, festejo trazido pelos

colonizadores portugueses, que ocorria nos três dias anteriores da Quarta-feira de cinzas, era bastante singular, para o qual se fazia sobretudo o uso de água, em abundância, jogada sobre as pessoas. Mas não apenas isto, utilizava-se também na brincadeira, “limões-de-cheiro”, farinha entre outras “substâncias”. Podia ainda ser um momento para se pregar peças em pessoas conhecidas. Porém, à medida que o século XIX avança as elites intelectuais e políticas brasileiras, desejosas de verem o país, como se dizia na época, avançar na civilização e se aproximar das nações européias, passam a implementar medidas civilizadoras. Dentre estas medidas, vê-se o controle dos costumes e práticas culturais consideradas pouco civilizadas, bárbaras como as brincadeiras de se molhar os passantes e os batuques. Nesse momento, outro modo de se divertir antes da quaresma vai se projetando e ganhando destaque: o Carnaval, de preferência o “pretenso e civilizado” carnaval europeu brincado em Veneza e Paris.

Voltando à “boa música” notoriamente veiculada pelos órgãos de comunicação de São João Del Rei, nota-se um intenso calendário local no que tange às festas católicas, onde as orquestras tocam em missas semanais da cidade, novenas dos padroeiros e dias santos; e, além disso, durante as festas cívicas, as bandas de música sanjoanenses se fazem sempre presentes. Dessa forma, pobres, escravos ou libertos, cativos que acompanhavam seus senhores às missas, e até mesmo na igreja destinada aos “homens de cor”, freqüentavam as celebrações que eram “abrilhantadas” pelas corporações musicais sanjoanenses (ALMEIDA, 2006:11).

Portanto, temos aí um quadro de grande absorção dos indivíduos pela música sacra e erudita, sugerindo que músicos pudessem transitar pelo pelos “universos” erudito e popular, criando, recriando e se apropriando de uma série de manifestações, hábitos e valores, das formas erudita e popular da música. Infelizmente, não foi possível nomear esses músicos, pois só têm destaque, nos periódicos de São João Del Rei, destacados maestros locais, que geralmente possuíam uma posição privilegiada dentro daquela sociedade. Um exemplo é o mulato, padre, músico e compositor José Maria Xavier que possuía um cargo de destaque em muitas das irmandades locais e foi provedor da Santa Casa de Misericórdia. Quanto aos músicos que atuavam pelas orquestras, não é feita menção alguma, não sendo possível identificar seus nomes e comprovar, de fato, o trânsito deles entre o campo popular e erudito.

Assim sendo, através da monografia *“A música e suas manifestações populares em São João Del Rei no último quartel do século XIX”*, podemos comprovar a existência local de algumas manifestações populares como os batuques, onde havia a presença de uma música de cunho popular, sendo executada ao “som de faceira viola e adestrados mestres batuqueiros”,

na presença tanto de autoridades municipais como de sujeitos oriundos das classes menos favorecidas.

No entanto, começamos a perceber que havia um espaço onde era permitido o encontro de gêneros musicais ditos populares e a música erudita, o palco do teatro. O teatro, símbolo de civilidade, teve forte presença em São João Del Rei. Entre as tantas casas de espetáculo que a cidade possui, duas merecem destaque: o Teatro Municipal construído em 1893 e o teatro sede de um grupo local fundado em 1905, o “Clube Teatral Artur Azevedo”, com capacidade para mil lugares².

O que nos chamou atenção em São João Del Rei foi a forte presença de gêneros teatrais do chamado “teatro ligeiro”, muito comum na virada do século XIX para o XX, que se dizia totalmente voltado para o público, dirigido para agradá-lo, e que se anunciava estar desvinculado de qualquer pretensão, seja literária, filosófica ou política. Segundo Fernando Antônio Mearcelli, “seu objetivo principal seria a diversão pura e simples da platéia. Por isso, poderia ser relacionado, por um lado, a tradições do teatro cômico e das festas populares, como as farsas e a Commedia dell’Arte, ou de espetáculos como o circo e festas como o carnaval” (MENCARELLI, 1999:33). Logo, as revistas de ano, em moda principalmente no Rio de Janeiro, sendo em sua maioria, comédias musicais, terão uma grande aceitação na sociedade sanjoanense. Elas tratavam em seu cerne de temas de destaque ocorridos durante o ano de uma forma cômica, de grande apelo popular, fazendo uma crítica ao cotidiano da cidade. E é claro que gêneros musicais como o lundu e o maxixe, por exemplo, compunham a trilha sonora do teatro musical.

A música e o teatro mantiveram uma relação estreita, principalmente em São João Del Rei, sendo que as orquestras locais atuavam constantemente nas peças montadas pelos grupos teatrais locais ou até mesmo nas peças das companhias de fora que se apresentavam na cidade. Daí o “encontro” entre o erudito e o popular, onde os grupos musicais locais deixavam seu tradicional repertório, que ia do sacro à música clássica, para tocar marchinhas, maxixes, lundus, tangos brasileiros. Deste modo, os maestros locais também passaram a compor para o teatro e a fazer a direção musical de peças teatrais. Um exemplo é a peça, datada de 1917, de um escritor sanjoanense chamado Durval Lacerda, classificada como revista e intitulada “O

² A Universidade Federal de São João del Rei, sob a responsabilidade do GPAG – Grupo de Pesquisas em Artes Cênicas da mesma instituição –, mantém um acervo teatral que pertenceu a um antigo grupo dramático local, o “Clube Teatral Artur Azevedo”, assim como a coleção particular do fundador do grupo, Antônio Guerra. Acervos estes compostos por inúmeras peças como operetas e revistas da virada do século XIX para o XX e suas respectivas partituras.

Número Um”. A trilha musical foi composta pelo maestro Telêmaco Neves, então regente da orquestra Ribeiro Bastos³.

Vale lembrar que estamos num contexto histórico, entre 1870 e 1920, em que uma série de elementos como as teorias racistas, a Abolição e o surgimento de um novo regime de governo – a República –, influenciaram não só a política e a economia do país, como também a cena cultural brasileira. Assim, tanto a Abolição quanto a República provocaram entre os pensadores brasileiros uma espécie de tomada de posição em relação à população afro-descendente, sendo necessário pensar na incorporação dos ex-escravos e seus descendentes à vida nacional e à própria identidade da nação. Deste modo, o folclore, a música popular, ou melhor ainda, as manifestações artísticas dos afro-descendentes passam a ser vistos como parte da produção cultural de um país, sendo envolvidas nos debates sobre o caráter nacional brasileiro e nos esforços dos intelectuais em constituir originalidades culturais que pudessem integrar o Brasil no concerto internacional da nações ditas modernas e civilizadas.

Alguns desses intelectuais como Melo Moraes Filho e Silvio Romero, por exemplo, se dedicaram ao que entendiam por folclore de forma significativa e bastante otimista, definindo-o e divulgando-o através das tradições musicais populares brasileiras e mestiças. A música popular e o folclore, para estes pensadores, tornaram-se uma saída possível e promissora, em termos culturais, e não apenas raciais para a nação.

Martha Abreu, em seu artigo “Música popular, folclore e nação no Brasil, 1890-1920” procura enumerar vários intelectuais que se ocuparam da pesquisa folclórica espalhados pelo Brasil no começo do século XX, tentando perceber que em meio aos elogios e entusiasmos em relação ao resultado musical da mestiçagem, estes autores não conseguiram escapar de determinados preconceitos, especialmente no que dizia respeito à influência africana. Para Abreu isto fica claro quando procuravam demarcar as características gerais da música popular, ou melhor, das marcas musicais mestiças ao criarem versões sobre “tons nostálgicos”, e “acentos bárbaros” e “cheios de esperança” e até mesmo a “afetividade e doçura da alma” presente nas músicas mestiças.

Pelo que foi apresentado até agora, constatamos que assim como ocorreu no Rio de Janeiro, e em outras capitais brasileiras, houve em São João Del Rei, no início do século XX, um grande interesse, principalmente por parte do público dos teatros, pela música popular, ou melhor, pelas marcas musicais mestiças, indo de encontro a uma então cultura popular.

³ O Número Um, Revista de costumes locais de Durval Lacerda. GPAG – Grupo de Pesquisas em Artes Cênicas da UFSJ.

Portanto, percorremos um circuito em que uma música popular se fazia presente em São João Del Rei na passagem do século XIX para o XX: as festas nas suas periferias e seus teatros. Constatamos assim um certo jogo de encobrimento das manifestações populares onde a música era presença garantida, – suposto ocultamento este percebido tanto nos jornais locais do referido período quanto na literatura já existente sobre o tema música em São João Del Rei – assim como seu afastamento do centro da cidade, e ao mesmo tempo um “retorno” à região central da cidade através dos palcos dos teatros. Teríamos aí tanto uma dinâmica de exclusão social e cultural, quanto uma dinâmica de assimilação ou circularidade por parte não só dos sujeitos músicos, mas como de toda uma sociedade, ou seja, por parte de pessoas que não estão ligadas às amarras do poder, assim como aquelas que fazem parte de uma estrutura de poder econômico e político.

Bibliografia:

- ABREU, Martha. O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Editora Nova Fronteira: São Paulo; Fapesp, 1999.
- ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (orgs.) Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ALMEIDA, Marcelo Crisafuli N. “A música e suas manifestações populares no último quartel do século XIX”. São João Del Rei, UFSJ, 2006.
- ALONSO, Angêla. Idéias em movimento. A geração de 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ANDRADE, Mário de. Aspectos da Música Brasileira. São Paulo, Martins, 1965.
- AQUINO, Marta Aparecida de. História Social da Música em São João Del Rei no último quartel do século XIX. São João Del Rei: FUNREI, 1996.
- ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. Folganças populares: festejos de Entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX. São Paulo, Annablume, FAPEMIG, 2008.
- BURKE, Peter. O que é História Cultural? Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamariom S. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da História. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARVALHO, José Murilo de (Org) Nação e cidadania no Império. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2007
- CHARTIER, Roger. A História Cultural, entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CINTRA, Sebastião de Oliveira. Efemérides de São João Del Rei. Volumes I e II, 2ª edição, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1982.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.) Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, Cecult, 2002.
- DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Rocco, 6ª ed., 1997

- DUARTE, Regina Horta. Noites Circenses Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Editora da Unicamp - Campinas - (SP) – 1995.
- GALO, Pedro Paulo Vilela. “Coalhadas” e “Rapaduras”: Historia Social da Música em São João Del Rei no Século XIX. São João Del Rei: FUNREI, 1998.
- GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- GUERRA, Antônio. Pequena História de Teatro, Circo, Música e variedades em São João Del Rei – 1717 a 1962. JF: Esteva – Lar Católico, 1968.
- GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. A Princesa do Oeste e o Mito da Decadência de Minas Gerais – São João Del Rei (1831-1888). São Paulo: Annablume: 2002.
- KARASCH, Mary. A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850. São Paulo: Cia das Letras. 2000.
- FILHO, Melo Moraes. Festas e tradições populares do Brasil. RJ, Edições de Ouro, 1967.
- LUCA, Tânia R. de. A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação. SP: Ed. UNESP, 1999.
- MENCARELLI, Fernando Antônio. Cena Aberta: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- NAPOLITANO, Marcos. História e Música. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2002.
- NASCIMENTO, Jacqueline Dean Pôssa. Nacionalismos e Folclore na Obra de Alexina de Magalhães Pinto. São João del Rei: FUNREI, 2001.
- NEVES, José Maria. A Orquestra Ribeiro Bastos e a vida musical em São João Del Rei. Rio de Janeiro, O Globo; 1984.
- ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. SP: Ed. Brasiliense. 5ª Ed., 1994.
- PASSARELLI, Ulisses. Dez Antigas Noticias do Folclore de São João del Rei. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del Rei. Vol. XI. Universidade Federal de São João del Rei. 2005.
- PEREIRA, André Luiz Mendes. “As festas de coroação dos reis negros em São João del Rei no século XIX”. São João del Rei. UFSJ. 2000.
- REZENDE, Maria da Conceição. A Música na História de Minas Colonial. Belo Horizonte: Itatiaia; 1989.
- ROMERO, Sílvio. Cantos Populares do Brasil. BH Ed. Itatiaia, 1985.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das raças. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SKIDMORE, Thomas. Preto no Branco Raça e Nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1976.
- TIBAJI, Alberto. Teatro Brasileiro de Revista: De Arthur Azevedo a São João Del Rei. Tese de Doutorado, USP, 2002.
- TINHORÃO, José Ramos. Cultura Popular: temas e questões São Paulo Ed. 34, 2ª ed. 2006.
- TINHORÃO, José Ramos. Musica Popular: Teatro e Cinema, Vozes, 1972.
- TINHORÃO, José Ramos, Música Popular: um tema em debate, Rio de Janeiro, 2ª Ed. JCM, 1970.
- THOMPSON, E. P. As peculiaridades dos ingleses. Campinas: Unicamp, 1993.
- THOMPSON. E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- VELLASCO, Ivan de Andrade. As Seduções da Ordem. SP. EDUSC: 2004.
- VIEGAS, Aluizio José. “Música em São João Del Rei de 1717 até 1900”. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João Del Rei. Vol. 5, 1987.

ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

VIEGAS, Augusto. Notícia de São João Del Rei. BH. Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942.

VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1987.